

---

## Sociedade Camponovense: Um Estudo de Caso

*Eneidy Fátima Padilha da Rosa\**

**L**ocalizado na região Sul do Brasil, no estado de Santa Catarina, limitando-se ao Norte com Erval Velho, Herval D'Oeste, Ibiam e Monte Carlos; ao sul, Rio Grande do Sul, Celso Ramos, Anita Garibaldi, Abdon Batista e Vargem; a Leste com Brunópolis e Frei Rogério; a Oeste, Zortéa, Capinzal e Ouro, Lacerdópolis. A 930 metros acima do nível do mar, possui uma área de 1.675 Km<sup>2</sup>, sendo que 6,49 Km<sup>2</sup> pertence ao perímetro urbano. Em 1991, sua população era de 28.127 habitantes, distribuída na área urbana 19.688 habitantes e na zona rural nos distritos de Leão, Tupitinga, Ibicuí, Bela Vista, Espinilho e Dal Pai aproximadamente 8.439 habitantes.

Sua sociedade tem muitas origens (indígena, negra, descendentes de portugueses, espanhóis, italianos, alemães...), miscigenação que resultou na ocorrência de diversos costumes e nas atividades econômicas praticadas.

A paisagem geográfica e humana diversifica-se no vasto território camponovense. Possui topografia acidentada em regiões próximas aos rios Uruguai, Canoas, Pelotas, Rio do Peixe, Ibicuí, São João, Leão, Santa Cruz, Aguapé, Inferno Grande... Que impossibilita a mecanização agrícola, não excluindo-as da produção: devido ao fato que, em muitas destas áreas, são praticadas agricultura de subsistência, primitiva onde ainda hoje usa-se roçar, queimar para plantar, sem fazer uso de adubos ou fertilizan-

---

\*Mestranda em História pela UNESP-SP

tes o que resulta numa baixa produtividade. Podendo ser encontradas nessas regiões, paisagens onde foram introduzidas as espécies de gramíneas com os seguintes nomes: sempre-verde, argentina, missioneira... destinadas ao gado bovino e alguns poucos eqüinos, ovinos, caprinos e suínos... ainda uma área reduzida de mata nativa e as capoeiras. Nas terras planas situadas nas terras circunvizinhas ou próxima à sede do município, encontramos grandes lavouras com várias monoculturas destinadas a abastecer outros centros. Entre elas podemos citar feijão carioca, pois sua produção é voltada a abastecer os mercados consumidores de São Paulo e Rio de Janeiro, entre outros). Considerado o "Celeiro Catarinense", produz os seguintes produtos agropecuários: além do feijão, milho, soja, aveia, bovinos, suínos, aves, caprinos, peixes e mel... Poucas de suas terras ainda são campos ou matas nativas (com a presença de pinheiros, canela, cedro, imbuia, bracatinga...)

Campos Novos é um conjunto constituído por sua área territorial, recursos naturais: rios com potencial hidroelétrico, paisagens exuberantes (cachoeiras: Salto do Leão, Salto do Rio Ibicuí, Perau Branco - Aranha, Cachoeira Dal Pau, Usina Ivo Silveira...) para se desenvolver o Turismo: solos férteis e sua gente capaz de idealizar metas e alcançá-las devido aos instrumentos culturais que dispõe: tradição, garra e trabalho. Os camponeses integram a sociedade catarinense, brasileira que constitui a sociedade ocidental, tendo na livre iniciativa econômica uma das bases que norteiam sua estrutura sócio-econômica.

O município conta com variada paisagem natural e humana: agricultores, criadores, professores, profissionais liberais, comerciantes, empresários, estudantes... gente de muitas origens (indígenas, negros - que serão objeto desta pesquisa, caboclos, descendentes de italianos, de alemães...), que fazem e tem História. Uma História que precisa ser conhecida, refletida e que foi iniciada em tempos remotos.

## **Sociedade Camponovense**

Não podemos afirmar que a sociedade brasileira possui uma fisionomia étnica definida, não apresenta um aspecto homogêneo em se tratando de raça e cultura. Embora com características que lhe são peculiares se encontram em processo de formação.

O povo brasileiro originou-se como indígena pela colonização e integração branca e pela introdução dos escravos africanos. A miscigenação se processou durante toda a história entre vários grupos étnicos das primeiras raças: indígena, negra surgiram o mameluco, os mestiços, mulatos e caboclos.

Segundo pesquisas arqueológicas que vêm sendo desenvolvidas no Estado, é possível que os primeiros moradores do território catarinense tenham entrado pelo Rio Uruguai. Em suas margens foram encontrados vestígios de ocupação humana há aproximadamente 8.000 anos. No litoral de Santa Catarina é mais recente cerca de 5.000 anos. Estes habitantes pré-históricos deixaram testemunhas de sua existência: instrumentos de pedras e de ossos, cerâmicas, inscrições rupestres, montes formados com cascas de moluscos (sambaquis) que serviam de alimentos. Tais vestígios servem de fonte de estudos arqueológicos para irem desvendando como e quando viveram os primeiros habitantes de nosso território.

Os europeus chamaram os indígenas que viviam no litoral de Carijó. Porém existiam vários tipos ao longo da costa brasileira, eram os índios tupiguaranis. Segundo estudos, no território catarinense além dos carijós do litoral, o interior ocupando as imensas florestas de pinheiros e campos, verificou-se a existência de outros grupos indígenas: Jê, Kaingang e Xokleng.

As terras camponovenses tiveram como primeiros donos os índios. Estes pertencentes a tribo dos Kaingang que habitavam todo o planalto, além da pesca, caça, coletavam raízes e frutos de nossas matas: pinhão, amora, jabuticaba, pitanga... Os europeus foram ocupando gradativamente

as terras indígenas a partir dos séculos XVII e XVIII. Houve a dizimação dos indígenas ou a perda de sua cultura pois, foram obrigados a abandonar seus usos, costumes e língua, para conviverem com os brancos.

A construção da estrada de ferro de São Paulo - Rio Grande do Sul, trouxe também muita gente de outras regiões. Pessoas das mais variadas índoles, convicções ou crenças (honestas, vagabundos, miseráveis...) Esta obra teve conseqüências: impacto ambiental (destruição da mata); fez surgir vários vilarejos prósperos ao longo Rio do Peixe.

### **"Invernada dos negros"**

A Invernada dos Negros, como foi denominada durante muitos anos a atual localidade de Corredeira, tem sua origem com o legado deixado pelo fazendeiro Matheus José de Souza e Oliveira e seus escravos, conforme o trecho abaixo citado do seu Testamento datado de 1877.

"Deixo por meu falecimento, não só aos escravos a quem já dei liberdade, como os que se acharem cativos por meu falecimento, e que ficarão livres pelo último de nós que falecer, a minha TERÇA a qual lhes será dada em CAMPOS e TERRAS LAVRADIAS, dentro da invernada e na linha que divide com meu irmão João Antunes de Souza. Declaro que desse terreno eles nunca por si nem por seus descendentes poderão vender hipotecar e nem alhear por forma alguma: nem mesmo será sujeito a inventário por morte de qualquer deles, visto como eles e seus descendentes são apenas usufrutuários, assim irá passando de pai para filho se os tiveram. Declaro que os escravos que se acharem por meu falecimento não serão mais sujeitos a inventário visto que ficam servindo a minha mulher e acompanhando-a até que ela queira e que não farão por isso parte dos bens que ficarem e nem pagarão por si taxa alguma do legado que lhes deixo, em terrenos, visto como estes não sujeitos a omus alguns .

Matheus José de Souza e Oliveira era casado com Pureza Emilia da Silva, o casal não tinha filhos. Os beneficiários de sua herança eram os ex-escravos que foram alforriados por Matheus anterior a data do testa-

mento (1877), eram: Margarida, Damazia e Joaquim e os escravos: Manoel, Jeremias, Pedro, Salvador, Innocencia, Francisco, Josepha e Domingos, que deveriam servir a sua esposa Pureza até que esta lhes dispensar ou por ocasião de sua morte, a partir de então, todos seriam libertos. Destes que foram legatários Pedro, Domingos, Jeremias, Salvador, Innocencia, Joaquim e Josepha faleceram sem deixar descendentes.

A área total da "Invernada dos Negros" era de 79.872000 m<sup>2</sup>, que foi dividida em 33 quinhões. Destes, 32 quinhões destinados aos filhos e netos dos primitivos legatários com 1.248.000 m<sup>2</sup> (um milhão duzentos e quarenta e oito mil metros quadrados) cada gleba de terra e o quinhão no 33 coube ao Dr. Henrique Rupp Júnior pelos honorários e despesas da Ação de Divisão do Imóvel Invernada dos Negros, com uma área de 39.936.000m<sup>2</sup> (trinta e nove milhões novecentos e trinta e seis mil metros quadrado).

Sem descendentes a quem transmitir sua herança Matheus José de Souza e Oliveira, quis assegurar aos seus escravos um patrimônio que lhes servissem perpetuamente de amparo e onde pudessem auferir os meios de subsistência.

A Ação de divisão do Imóvel Invernada dos Negros deu entrada na Comarca de Campos Novos em 1928, pelos descendentes dos antigos legatários de Matheus José através do advogado Henrique Rupp Júnior, o que impetrou uma Ação de usucapião em razão de que os descendentes permaneciam de posse por si e pelos seus pais das terras há mais de 65 anos. Em 1940, a ação foi considerada incontestada, não havendo contestação ou impugnação, realizou-se a ação divisória.

Essa ação resultou, por parte de muitos herdeiros, na venda de suas terras para madeiras pois, a área era rica em madeira de lei e araucárias e os campos foram destinados a fazendas de gado bovino, suíno pelos seus aquisitores. Embora ainda existam remanescentes dos primitivos povoadores do lugar, é em número reduzido, pois muitas famílias não conseguiram vencer os atrativos da cidade como acontece atualmente com os

pequenos proprietários rurais que sem assistência e incentivos migram para as cidades.

Atualmente na sede da Corredeira temos a capela de Nossa Senhora Aparecida, a escola e um pouco distante dali o cemitério onde estão enterrados os antigos escravos, alguns proprietários que emigraram do Rio Grande do Sul, residiam em terras que faziam divisas com a Invernada dos Negros. Dos quais podemos citar o casal Ana Barcelos dos Santos e Modesto Pereira Vargas, oriundos do Rio Grande do Sul no final da década de 1920, residiam entre a Invernada dos Negros e o Papuã na Fazenda da Casa Branca.

Entre os descendentes que constam na Ação de Divisão da Invernada dos Negros estão: Dioclecio Fernandes Caripuna, João Caripuna de Oliveira, Oliveira Fernandes Caripuna, Isidro Caripuna, Eufrasio de Souza, Paulo Fernandes de Souza, Magdalena Maria de Souza, Francisca Maria de Souza, Alexandrina Maria de Souza, Cypriano Souza, Zacharias F. da Silva, Sebastião F. da Silva, Balthazar Honorio Gonçalves, Braulina F. da Silva, Aparício F. da Silva, Cândido Manoel de Souza, Andreлина F. da Silva, Sebastião Manoel de Souza, João Manoel de Souza, Manoel Francisco de Souza, Maria Conceição de Souza, Balbina Maria de Souza, Domingos Antunes de Souza, Manoel Antunes de Souza, Marcolino Antunes de Souza, Manoel Francisco dos Santos, Maria Joanna dos Santos, Ignacia de Meira Goes, todos eram condôminos do imóvel.

Com a presente pesquisa pode-se verificar o surgimento deste importante núcleo populacional chamado Corredeira. A etnia desse grupo social que compõe o mosaico, que é a sociedade camponovense, foi resgatada em alguns viés históricos. Sociedade esta carente de investigações científicas a cerca de sua formação social, cultural e política.

### **Bibliografia**

- BLASI, Paulo. Campos Novos - Um pouco de sua história. Florianópolis: Edeme, 1994.

RICOEUR, Paul. Interpretação e Ideologias. R.J., Francisco Alves,  
Francisco, 1977.